

Oscar Wilde: A Importância de Ser Socialista

Por Mariana Avelãs

"Of course I'm a socialist. Haven't you read my stories for children?" Terry Eagleton, *Saint Oscar*

Em termos literários, um autor só pode valer por aquilo que escreve; mas é claro que numa sociedade que valoriza a escrita em geral valorizará também a opinião do autor e esperará, inclusive, que ele tome partido. E, no entanto, um autor cujo mérito se fique pelos partidos que vai tomando, ou uma escrita que viva apenas das opiniões que quem a assina manifesta por outros meios são casos tristes na literatura.

Vamos por partes: se Oscar Wilde se tivesse limitado a ser gay, nem como tal o conheceríamos hoje; não fora o incómodo que a sua escrita causara, de forma subtil, na sociedade vitoriana, nunca teria acabado na prisão de Reading (e nunca o mundo conheceria *De Profundis...*). E é exactamente porque a postura e a escrita de Wilde se complementam de forma quase obscena que vale a pena discutir, de uma só assentada, obra, autor e opiniões.

A análise desta relação fica-se geralmente por um simplista "Wilde era gay e escreveu *O Retrato de Dorian Gray*, e foi preso porque era gay e porque escreveu *O Retrato de Dorian Gray*, e escreveu *O Retrato de Dorian Gray* porque era gay". Não havendo nada de errado neste raciocínio, a verdade é que ele reza um credo bastante pobre:

Wilde escreveu muito mais do que *O Retrato de Dorian Gray* (que aliás é muito mais do que um manifesto em prol da homossexualidade masculina) e ameaçava o *statu quo* vitoriano em muito mais do que a sua hipocrisia sexual.

Oscar Wilde definia-se como irlandês, republicano (hoje o termo correcto seria anti-imperialista) e socialista. E também activista gay *a posteriori* e activista pelos direitos das mulheres.

Aqui vamos discutir apenas o Wilde socialista. E, antes de mais, convém esclarecer que espécie de socialismo é este – é um socialismo de finais do século XIX e uma síntese bastante idiossincrática das várias teses em conflito então, e mais influenciada pela postura utópica de pensadores como William Morris e Walter Pater do que pelo materialismo histórico de Marx. O socialismo de Wilde assenta em dois

pilares: o individualismo e o esteticismo. Ou seja, o direito universal a estar liberto da miséria e da exploração capitalista para buscar a plena realização individual (idéia aliás nada estranha a Marx), que passa inexoravelmente pelo desfrutar da estética. Assim, um mundo privado do belo e da capacidade de o produzir e apreciar é um mundo oprimido, e por isso não faz sentido dissociar ética de estética, a não ser numa lógica capitalista que condena o ser humano a mera força laboral a serviço de outra causa que não a felicidade individual (e logo comum, ou vice versa).

Portanto, para ser coerente consigo próprio, teria bastado a Oscar Wilde produzir arte para provar que um mundo melhor é (sempre) possível. Mas ele não se ficou por aí: as suas peças deitam abaixo de forma magistral a hipocrisia e podridão das classes poderosas na Inglaterra vitoriana, e os contos infantis (se a designação é ou não apropriada fica para outra discussão) estão permeados de denúncias de pobreza, exploração e abuso colonial, para além de sugerirem um mundo onde a solidariedade, a justiça e um espírito comunitário (não nivelador da individualidade de cada um, claro

está) são a essência das utopias que geram o progresso. Mais ainda, Wilde assinou *A Alma Humana sob o Socialismo*, que só por descuido acadêmico pode ser considerado menos do que manifesto de um autor politicamente motivado.

Isto e meia dúzia de intrigas vitorianas bastaram para assegurar uma condenação a trabalhos forçados. Mas os estudos literários, sobretudo os irlandeses, têm revelado um Wilde ainda mais político e subversivo: pela voz que dá às margens do poder (sejam elas os homossexuais, a Irlanda, as mulheres, as crianças ou os prisioneiros de Reading), pela desconstrução da lógica vigente através do recurso constante a paradoxos arrasadores (tanto nas peças como nos aforismos), ou pela dialéctica que estabelece entre colônia e metrópole (Wilde é um dos primeiros irlandeses a dominar a língua inglesa, conseguindo assim atingir o império com uma das suas principais armas de destruição colonial), entre tradição escrita e tradição oral (por exemplo, o *Retrato de Dorian Gray* pode ser lido como um conto de fadas tradicional...), ou precisamente entre a missão social e a liberdade individual do artista.

Não é de estranhar, portanto, que ao longo do século XX ele se tenha transformado em ícone de modelos mais ou menos abertamente contestatários: o movimento LGBT, a cena *indie* inglesa dos anos 80, ou os presos republicanos irlandeses em protesto em finais dos anos 70/início dos 80 (tendo Bobby Sands, o primeiro dos 10 grevistas de fome morrer em 1981, inclusivamente escrito um longo poema acerca das condições miseráveis em que se vivia em Long Kesh assumidamente baseado na Balada de Reading Goal). Mais interessante ainda é, a meu ver, continuar a discutir a relação entre arte e política e saber se, por exemplo, a "arte pela arte" poderá alguma vez ser despolitizada. E, sobretudo, não deixar que ninguém, a começar pelos teóricos da literatura, nos faça esquecer que a principal função da arte é o prazer. Procurar outra coisa primeiro em qualquer das obras de Oscar Wilde é perder tempo.